



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

O realismo atávico de John J. Mearsheimer: breve ensaio teórico¹

Felipe Kern Moreira²

Resumo

O propósito do presente artigo é estabelecer considerações sobre alguns dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados na obra 'The Tragedy of Great Power Politics', de John J. Mearsheimer. Para tal, situa o realismo ofensivo no campo teórico e registra observações críticas sobre pressupostos e opções metodológicas de John J. Mearsheimer.

Palavras-chave: Realismo, John J. Mearsheimer, Metodologia, Teoria das relações internacionais, Realismo ofensivo.

Abstract

The purpose of this article is to establish considerations about some of the theoretical-methodological assumptions presented in John J. Mearsheimer's book 'The Tragedy of Great Power Politics'. To do so, it places offensive realism in the theoretical field and records critical observations on John J. Mearsheimer's assumptions and methodological options.

Key words: Realism, John J. Mearsheimer, Methodology, International relations theory, Offensive realism.

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentada, em novembro de 2007, no I Simpósio em Relações Internacionais do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP), como parte de uma exposição denominada "Paroxismo da Modernidade e Teoria das Relações Internacionais: linhas evolutivas".
Recebido em 06/03/2017. Aprovado para Publicação em 15/03/2017

² Felipe Kern Moreira é professor dos cursos de Relações Internacionais, Comércio Exterior e Direito da Universidade Federal de Rio Grande – FURG.
Recebido em 06/03/2017. Aprovado para Publicação em 15/03/2017.



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

I – Introdução

O objetivo deste ensaio é estabelecer considerações teóricas sobre alguns dos pressupostos teórico-metodológicos apresentados no livro 'The Tragedy of Great Power Politics', de John J. Mearsheimer, publicado em 2001. Pretende-se tecer considerações acerca de convergências e distanciamentos, quanto a pontos de partida e percepções da realidade internacional propostas pelo autor, em perspectiva com outros autores, com ênfase nos discursos teóricos realistas. Mearsheimer é um pensador assertivo no campo teórico das Relações Internacionais e desenvolve argumentos assentados em consistentes dados e estatísticas historiográficas, o que confere caráter empírico e dedutivo à obra.

John Mearsheimer é atualmente um dos teóricos das Relações Internacionais mais respeitados dos Estados Unidos. Na América Latina, é um dos acadêmicos estadunidenses que encabeça a lista de teóricos influentes, no campo das Relações Internacionais, inclusive no Brasil (Tickner; Cepeda; Bernal, 2012, 09). Em junho de 2012, em entrevista para o Theory Talks (#49), Mearsheimer rememora que serviu no exército dos Estados Unidos de 1965 a 1975, justamente no período da Guerra do Vietnã, experiência esta que afirma ter exercido influência considerável em sua forma de pensar o uso da força (Mearsheimer, 2012). Após um período na Força Aérea norte-americana, rumou para a carreira acadêmica e obteve o grau de Doutor em Relações Internacionais. 'The Tragedy of Great Power Politics' é a sua obra mais impactante, nos termos da propositura de uma teoria, à qual denomina *realismo ofensivo*. A teoria e as opiniões de Mearsheimer refletem o imaginário de parte do *establishment* que consegue influenciar politicamente a superpotência americana; um exemplo destacado foi sua insistente oposição à participação americana na segunda guerra do golfo de 2003 (Mearsheimer, 2012; Mearsheimer, Walt, 2003).

Não se pretende esgotar os tópicos capitais apresentados na obra em referência, ao que se estabelecem focos em temas específicos, particularmente nos aspectos *metodológico-normativos* do realismo ofensivo. Naturalmente, esta não é uma contribuição científica dirigida a especialistas em realismo ofensivo. Trata-se de esforço com escopo *pedagógico*, destinado a



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

dar a conhecer elementos basilares da teoria do realismo ofensivo e contribuir com reflexões e perspectivas. Recentemente, John Mearsheimer tem feito preleções e escrito artigos sobre os impactos da China enquanto potência regional; em 2007 escreveu um livro sobre o *lobby* de Israel e a política externa norte-americana (em coautoria com o colaborador de longa data, Stephen Walt) e, em 2011, outro livro sobre as mentiras que líderes contam na política internacional. Estas contribuições mais recentes destoam das preocupações teóricas da “Tragédia das Grandes Potências”, e por este motivo, não participam do interesse desta contribuição.

II – A tragédia da política das grandes potências: linhas gerais do realismo ofensivo

A obra ‘The Tragedy of Great Power Politics’ pode ser caracterizada pela visão pessimista e fatídica das relações internacionais, desenvolvida ao longo de toda argumentação. A tragédia do pessimismo em Mearsheimer pode bem ser percebida no título dado a outras contribuições suas, de 2005, publicadas na Foreign Policy: “It’s not a pretty picture” e “Better to be Godzilla than Bambi”. Trágico-cômico que revela humor e, em menor medida, possíveis traços de autoindulgência.

A propósito, a escolha da palavra específica ‘tragédia’, por um teórico reconhecido pelo rigor e lucidez em suas exposições, pode dar margem para conjecturas. O autor não justifica a escolha desta terminologia, obliterada ao longo da obra. Existem teorias sobre a ‘tragédia’ enquanto forma, e, embora tentador, seria desmedido fazer uma exploração criativa sobre o tema, que lança suas raízes nos discursos mítico-religiosos, com referências ao drama, ao sofrimento e à catarse. Sem dúvida, a tragédia, em suas raízes gregas, é dionisíaca, artística e passional. Num dos tratados mais *cliché* sobre o assunto, Nietzsche afirma que o otimismo de Sócrates desviou a atenção dos gregos da tragédia para a filosofia: “o elemento otimista que, uma vez inoculado na tragédia, há de infeccionar pouco a pouco suas regiões dionisíacas e levá-la,



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

necessariamente à autodestruição” (Nietzsche, 1978, 13). Aqui, deposita-se a crítica à racionalidade socrática que marca a filosofia *nietzschiana*. Consideradas estas questões pontuais, como John Mearsheimer poderia associar um discurso pretensamente racionalista e realista à uma tragédia? A única resposta plausível para isto é um uso não rigoroso para o termo, enquanto adjetivo, no sentido de um *destino*, indriblável, invariavelmente tétrico.

O pessimismo é resultante do suposto fato de a paz ser impossível e, mesmo que um mundo pacífico seja desejável, ao mesmo tempo não se vislumbra caminho fácil para escapar da guerra e da competição por segurança (Mearsheimer, 2001, 17). O autor afirma que criar um mundo pacífico é uma idéia atrativa, mas não prática (idem). No quesito anarquia internacional, Mearsheimer coordena-se com as principais assertivas da corrente realista; o que também se dá quanto ao tema da racionalidade estatal (2001, 37 e 41). Para Mearsheimer, sobrevivência é o principal objetivo das grandes potências (2001, 46).

No que Mearsheimer difere de seus colegas realistas? Aqui se deseja colocar o autor em perspectiva com o realismo clássico de Hans Joachim Morgenthau e com o realismo estrutural de Kenneth Neal Waltz, formuladores dos principais postulados teóricos realistas. A este respeito, Mearsheimer pretende estabelecer um debate científico sobre grandes potências – que não são indicadas inequivocamente na ‘Tragédia’ – e não sobre o sistema internacional como um todo. Nestes termos, quando faz referência aos termos *agentes*, *Estado* e *competição por hegemonia e segurança*, faz, sempre, referência a grandes potências.

Mearsheimer afirma ter desenvolvido uma teoria, a qual denomina *realismo ofensivo*. O realismo ofensivo diferencia-se de outros discursos teóricos a quem Mearsheimer denomina ‘defensivos’ (2001, 19). À época do lançamento da obra, certamente, realistas defensivos seriam todos os outros teóricos realistas do mundo salvo o *primus inter pares*. Os defensivos Hans Morgenthau e Kenneth Waltz assumem que Estados pretendem sobreviver; contudo, tanto o realismo clássico quanto o estrutural não chegaram à conclusão que as grandes potências sejam inerentemente agressivas porque estão infundidas com o desejo de poder. Mearsheimer pressupõe uma relação necessária entre agressividade e sobrevivência o que, em termos coloquiais é uma opinião e, em terminologia científica, só pode ser uma hipótese –



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

embora o autor não a alcunhe assim – não obstante apresentada como uma realidade dada (normativa):

“the logic suffers from a dubious relationship between the assumptions and deduced hypothesis on state behaviour. Mearsheimer concludes that states are propelled to maximise their security because this is the best route to ensure their survival. However, to argue that only maximum security is sufficient cannot be logically deduced from his assumptions. Security-maximisation requires further assumptions about state behaviour and Mearsheimer therefore must assume implicitly that the source of state’s fear of each other is exogenous or that the drive for absolute security originates in domestic politics.” (Toft, 2003, 28-29)

Enquanto Morgenthau enfatiza a natureza humana como causa profunda da competição por segurança (2003, 04), Waltz atribuirá à anarquia internacional esta causalidade (1991, 102). Nenhum dos dois, contudo, enfatiza que o sistema internacional provê as grandes potências com boas razões para agir ofensivamente para obter poder. Enquanto que, para Waltz, a balança de poder exerce papel fundamental no sistema internacional, na medida em que Estados que concentram poder excessivo podem gerar a união de forças - por parte de outros Estados - contra aqueles (1991, 122; Mearsheimer, 2001, 20); o realismo ofensivo – que pretende ser uma teoria *estrutural* de política internacional (2001, 21) - por sua vez, entende que potências *status quo* são raras, tendo em vista que o sistema internacional constantemente cria incentivos para a aquisição de poder (2001, 21).

Estados não busariam manutenção do poder mediante a promoção da balança de poder internacional, pois o objetivo definitivo dos Estados é a hegemonia do sistema (2001, 21). Existem características sutis na forma como o realismo ofensivo trata o conceito de balança de poder: é uma característica da *estrutura* internacional, mas também pode ser uma *estratégia*. Mearsheimer utiliza este conceito de uma forma *quasi* equívoca:



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

“ (...) Impressive military capability is usually sufficient to deter rival states from challenging the balance of power. But occasionally, highly aggressive great powers that are more difficult to contain come on the scene. (...) To deal with these aggressors, threatened great powers can choose between two strategies: balancing and buck-passing. (...) With balancing, a great power assumes direct responsibility for preventing an aggressor from upsetting the balance of power.”
(Mearsheimer, 2001, 155-156)

Dentre os autores realistas – muito embora possam existir diferentes opiniões sobre quem possa ser incluído nesta classificação – indicam-se diferentes *raison d'être* de Estados nacionais: a glória (Aron, 1979, 101), interesses comuns da sociedade internacional (CARR, 2001, 63), interesses pessoais de agentes (Jervis, 1976, 332) bem como visões distintas de busca pela hegemonia estatal (Ikenberry, 1998; Kissinger, 2001, 25).

Não obstante se tenha feito referência ao realismo ofensivo enquanto teoria *normativa* de Relações Internacionais, o caráter normativo pode ser encontrado na corrente realista como um todo, o que por sua vez também é interpretado como tentativa de *explicação* do comportamento de Estados (Hollis; Smith, 1990, 43). Alguns dos principais postulados realistas - os quais sofrem a maior parte das críticas de seus opositores - a saber, os argumentos adotados para explicar poder, balança de poder e interesse nacional, assumem caracterizações particulares na 'Tragédia' de Mearsheimer.

O caráter descrente acerca do papel das instituições e na manutenção da segurança internacional é um viés importante na obra estudada. À sua opinião acerca do liberalismo, Mearsheimer dedica duas páginas de seu livro (2001, 16-17). Nestas, é possível perceber uma avaliação que tange o superficialismo, o que não ocorrera em outro trabalho anterior (o artigo 'The false premise of international institutions', publicado na 'International Security'), muito embora idéias não sofram alteração substancial (Mearsheimer, 1994). O autor afirma sobre os liberais:



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

“For liberals, therefore, there are ‘good’ and ‘bad’ states in the international system. Good states pursue cooperative policies and hardly ever start wars on their own, whereas bad states cause conflicts with other states and are prone to use force to get their way. Thus, the key to peace is to populate the world with good states.” (Mearsheimer, 2002, 16)

A passagem, retirada da introdução da ‘Tragédia’, especificamente do tópico “Liberalim vs Realism”, é significativa nos termos da exposição dos pressupostos teórico-metodológicos do realismo ofensivo. A partir do exame destes pressupostos entende-se que o autor está mais preocupado em adensar argumentos à sua versão normativa de mundo do que dialogar com outras sistematizações teóricas de política internacional. Em entrevista, em junho de 2012, Mearsheimer, reafirma que o principal debate teórico em Relações Internacionais, pelo menos nos Estados Unidos da América, dá-se entre liberais e realistas e acrescenta que esta caracterização refere-se certamente aos Estados Unidos. Por liberais, entende três vertentes: a teoria da interdependência econômica, a teoria da paz democrática e o liberalismo institucional. Para ele, os construtivistas não são importantes em termos de definir o debate teórico nos Estados Unidos (2012, 02). Este tipo de sistematização dualista, a qual situa o debate entre realistas e liberais em um platô mais elevado, é pouco distinta da feita por Hans J. Morgenthau nas primeiras páginas do capítulo primeiro (“Uma teoria realista da política internacional”), do “A Política entre as nações” (2003, 3-4). Curioso, já que as versões da obra de Morgenthau, de 1948 a 1985 (*apud* Sardenberg, *in* Morgenthau, 2003, xiv), situam-se em contextos bem diferentes em termos de quantidade e circulação de teorias dentre a comunidade científica do campo.

Mearsheimer foi crítico da força de coalizão que, liderada pelos Estados Unidos, invadiu o Iraque em 2003. Situa sua crítica na diferença entre realistas e neoconservadores. Dentre estes últimos coloca Francis Fukuyama e Krauthammer (Mearsheimer, 2011, 16). Realistas pensam que nacionalismo é mais forte que democracia e que nacionalismo pode transformar rapidamente “libertadores” em “ocupantes”. Argumenta que os povos no Oriente Médio



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

acreditam na autodeterminação, que é a essência do nacionalismo, e que o governo Bush ignorou o nacionalismo (Mearsheimer, 2005, 10). Em uma preleção comemorativa do centenário do nascimento de Morgenthau, na Fundação BMW, recordou a oposição deste à tentativa de democratização do Vietname, com base na percepção que democracia não se impõe pelas armas (idem). Estes dados permitem visualizar que o realismo ofensivo não pode ser confundido com as orientações teóricas das iniciativas militares americanas neoconservadoras na segunda guerra do Golfo ou mesmo com a doutrina da legítima defesa preemptiva.

III – Ontologia internacionalista: hegemonia e poder

A ontologia no realismo clássico de Morgenthau entende o Estado como ator unitário preponderante nas relações internacionais. O realismo estrutural de Waltz acentuará a relação do Estado como agente em uma estrutura anárquica. Dentro deste conjunto de sistematizações, Mearsheimer não apresenta entendimento tão diverso. Seu pensamento é sutilmente diferente na medida em que não compreende a balança de poder como fator preponderante na manutenção do equilíbrio do sistema. Para Mearsheimer, importa o comportamento das grandes potências e não o sistema internacional como um todo. O ator prevalente, o Estado, compete por sobrevivência em um ambiente hostil onde as grandes potências disputam pela posição hegemônica no sistema. Desta forma, o papel do Estado como ator principal e a busca pela hegemonia do sistema são os assuntos que se pretende colocar em perspectiva neste tópico.

A ontologia teórico-conceitual de Mearsheimer possui algumas caracterizações próprias. Além do lugar comum dos realistas no reconhecimento do Estado como ator prevalente; a hegemonia, para o autor, é disputada por unidades estatais de maneira agressiva que é o que distancia o realismo ofensivo do conceito de balança de poder. É possível conjecturar no quanto outros conceitos relacionados com 'hegemonia' seriam aceitos no sistema do realismo ofensivo:



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

interdependência e império, por exemplo. Autores como Negri e Hart (2005) entendem que o mundo pode ser explicado pelo conceito – e não pela metáfora - de império, já que não há que se falar em fronteiras e em limites do mando (Negri; Hart, 2005, 21). As idéias contidas na obra de Hart e Negri não apresentam um entendimento muito diverso de Adam Watson, teorizador associado à suposta 'escola inglesa' das Relações Internacionais, quanto ao conceito de império. A metáfora do pêndulo de Watson admite hibridamente em um mesmo conjunto de idéias a oscilação do sistema internacional em torno de independências complexas, de um lado, e de império, de outro: "quanto mais o pêndulo balançava ascendentemente no arco (...) maior seria a força gravitacional centrípeta entre a hegemonia e o domínio" (Watson, 2004, 176). Outro conceito assumido por Watson é o de império como um sistema supranacional de controle político que pode ter uma cidade-Estado ou um Estado territorial como seu epicentro.

A perspectiva que se busca acentuar aqui é entre as concepções ontológicas de um 'agente' hegemônico e uma 'estrutura' imperial. Mearsheimer distancia-se destas propostas já que o realismo ofensivo não admite o extremo pendular das independências múltiplas nem do Império, senão a inalterabilidade de um sistema anárquico com pretensão de hegemonia por parte de grandes potências. É central na teoria de Mearsheimer a disputa pela hegemonia por parte das grandes potências.

Em relação ao conceito de poder, o realismo ofensivo faz eco ao pensamento de Clausewitz sobre a guerra enquanto ato de violência destinado a forçar um adversário a submeter-se a uma vontade determinada (Clausewitz, 1996, 07; Mearsheimer, 2001, 57). Para Mearsheimer, grandes potências competem agressivamente por hegemonia, porque entendem que é o melhor modo de assegurar sua segurança (2001, 35). A guerra é a principal estratégia que Estados empregam para conseguir poder relativo e, por isso, grandes potências buscam superioridade nuclear (Mearsheimer, 2001, 138). Hegemonia significa para o realismo ofensivo a dominação do sistema, muito embora, na opinião do autor, seja impossível o alcance da hegemonia global (Mearsh
eimer, 2001, 40).



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

IV – Racionalidade estatal e política externa americana

Pressuposto do pensamento realista, a racionalidade estatal (Waltz, 1991, 107), além de encontrar receptividade em Mearsheimer, reveste-se em sua obra de uma lógica histórica. O termo 'racionalidade estatal' está longe de ser exclusivo do realismo ofensivo. Por racionalidade estatal entende-se aqui a imagem projetada por Mearsheimer que as grandes potências comportam-se segundo padrões lógicos, consistentes e coesos na busca da hegemonia com ênfase no uso da força: "before great powers take offensive actions, they think carefully about the balance of power and about how other states will react to their moves." (Mearsheimer, 2001, 37).

A busca por hegemonia no realismo ofensivo é o exercício da vontade estatal dentro de um contexto racional de percepção de potências concorrentes. Para desenvolver este argumento, descreve as iniciativas dos Estados Unidos para evitar as supremacias regionais com referência ao Japão imperial, Alemanha nazista e União Soviética (2001, 41). Ocorre que o exercício de razão e vontade na perspectiva da personificação do Estado é altamente dependente da coesão das opções em políticas públicas. A racionalidade da política externa depende da política de Estado ou governo, do sistema presidencialista ou parlamentarista e da estabilidade do poder constituído. No caso dos Estados Unidos, com o sistema bipartidário e políticas de Estado em boa medida constantes, a racionalidade estatal pode fazer mais sentido do que em Estados caracterizados por transiências e rupturas no *status quo*. O realismo ofensivo é uma teoria escrita a partir dos Estados Unidos e em larga medida – como diversas teorias *yankees* - para os Estados Unidos.

A racionalidade estatal é uma construção ficcional, abstração teórica que ajuda na compreensão dos interesses e reações de Estados às contingências do sistema internacional. A atribuição de racionalidade ao ente estatal, pessoa jurídica de direito público externo é antropomorfismo científico, atribuição prosopopéica. Em sentido amplo, pode ser observada tanto no contexto do processo decisório estatal, pela racionalidade, irracionalidade, valores pessoais e erros de percepção de seus agentes burocráticos (Jervis, 1976) quanto pela tentativa de conferir



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

previsibilidade ao comportamento estatal conforme o sugerido pelas correntes teóricas comportamentais.

O homem, que está na centralidade do processo de decisório estatal, é uma mistura de racional e irracional. Pode errar sobre a realidade (Durossele, 2000, 21 e 234), o que motivou teóricos ao desenvolvimento das causas e conseqüências dos desvios de percepção e choques burocráticos (Jervis, 1970; 1976, 319ss). A tentativa de Robert Jervis seria uma tentativa de atribuir racionalidade aos processos caracterizados também por incongruências causadas tanto pela deficiência de dados informativos quanto pela improbabilidade das características psicológicas. Por isso, a crítica à racionalidade estatal está na centralidade de parte da contraposição aos pressupostos realistas (Viotti; Kauppi, 1999, 206).

O realismo ofensivo mereceria um exame por parte das teorias sobre processo decisório, pois, os pressupostos do realismo ofensivo – estrutura, potências, hegemonia – constituem atribuições de interesses, percepções e racionalidades de Estados. Estas atribuições normativas das estruturas e agentes, ainda que descritas com cientificidade, notável eloquência e bom senso, podem estar superdimensionados. É neste contexto que Robert Jervis reflete: *actors exaggerate the degree to which they play a central role in others' policies.* (Jervis, 1976, 343)

Muito embora no realismo ofensivo a racionalidade estatal e a busca por hegemonia sejam pressupostos teóricos, Mearsheimer reconhece que existem outras causas eficientes para as decisões em política externa norte-americana. É o caso do lobby de Israel, o qual gerou o livro "The Israel Lobby and US Foreign Policy", de 2007 e alguns outros artigos. A força de coalisão no Iraque não pode ser explicada somente pelos pressupostos do realismo ofensivo como busca ou contenção de hegemonia regional no Oriente Médio. Esta constatação situa esta teoria – no que diz respeito à política externa norte-americana - mais no campo propositivo do que no preditivo.

Mearsheimer atribui ao moralismo uma das causas da não receptividade completa das teses realistas na sociedade americana (2001, 47). A argumentação revela tanto a preocupação do autor com a repercussão de suas idéias nesta sociedade quanto no agregado político. A este respeito, o processo decisório americano – especialmente aqui no sentido da força de coalisão



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

no Iraque em 2003 - recebe críticas de Mearsheimer o qual se apresenta, assim como Waltz (2000) e Gowa (1989), como descrente da teoria de que países democráticos não fazem guerra e atribui um caráter retórico a este vetor de política externa que marcou a gestão de Clinton (2001, 9). Estes dados, apresentados pelo próprio autor, colocam em cheque a *rationale* estatal da vontade infusa de sobrevivência que leva à inevitável disputa agressiva por hegemonia, em virtude de constrangimentos políticos – racionais ou não – no interior do próprios Estados. Seria esta inconsistência capaz de colocar a teoria em cheque?

V – Considerações Finais

O realismo ofensivo é uma proposta teórica para a manutenção da hegemonia norte-americana. Hegemonia no sentido de domínio do sistema internacional (Mearsheimer, 2001, 40). O teorizador entende que, com o realismo, pode-se explicar mais sobre o que acontece no mundo do que com as teorias liberais e sabe que isto não significa que o realismo explique tudo (2012, 02). Mearsheimer assume pragmaticamente seu alcance teórico e não está preocupado em compreender as relações internacionais como um todo. A área de cobertura de eventos com os quais realismo ofensivo preocupa-se é relativamente menor do que o realismo *clássico* de Morgenthau e o *estrutural* de Waltz. O mesmo se pode afirmar, por exemplo, da interdependência complexa, do institucionalismo neoliberal de Keohane e Nye e de tantas outras propostas teóricas que levem em conta o que, no mundo, possa existir além de grandes potências, capacidade militar agressiva e do medo que isto possa gerar, conceitos basilares da 'Tragédia' (2001, 3). Isto explica o interesse recente de Mearsheimer com a China, particularmente, na possibilidade de escalada de uma hegemonia regional: "China is likely to try to dominate Asia the way United States dominates the Western Hemisphere" (2005b, 47-48).

Peter Toft, no paper de 2003 sob o título "John J. Mearsheimer: an offensive realist between geopolitics and power", procura desenvolver um apanhado teórico-crítico das principais



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

assunções do realismo ofensivo. Neste esforço, situa que os principais avanços teóricos referem-se ao debate intra-realistas. O refinamento e a eloquência do realismo ofensivo incentiva o aprimoramento do debate teórico como um todo – principalmente por parte dos argumentos dos críticos do realismo - e a clareza de suas distinções facilita o teste empírico de suas premissas (2003, 29-30). As críticas de Toft concentram-se em possíveis falhas de lógica interna e validação empírica dos argumentos, a exemplo de Estados serem impelidos à maximização da segurança em virtude de ser a melhor rota para assegurar sobrevivência estatal. A teoria de Mearsheimer possui notável lógica interna, desde que sejam aceitos os pressupostos de seu sistema teórico que são expostos na introdução de sua obra. Por isso, esta contribuição concentrou-se na exposição destes pressupostos.

Existem algumas possíveis inconsistências metodológicas na exposição teórica do realismo ofensivo. Uma que pode ser apontada repousa na forma que o autor relaciona a reflexão teórica com dados históricos. Persevera a impressão que existe uma lente seletiva teórica que seleciona os dados históricos ao invés de um exame amplo e rigoroso no plano historiográfico que conduza a uma sistematização teórica. Peter Toft formula crítica semelhante: “case selection is biased towards emphasis on the most aggressive great powers of modern history and the periods in which they were most expansionist” (2003, 29). Os argumentos do realismo ofensivo são amparados em dados históricos, muito embora o autor tenha que a história possua pouca influência no pensamento e comportamento contemporâneo dos Estados:

“I think history plays a small role in influencing the contemporary thinking and behaviour of states. In my estimation, how you think about history or how you think about the past, doesn't exert much influence on a country's present actions. My perspective on history is hardly surprising, since I'm a structural realist and I believe that the structure of the international system pushes states or the leaders of those states to behave in predictable ways. So, if you're the leader of China, even if you don't know a lot about Chinese history, it doesn't matter.” (Mearsheimer, 2012, 04).



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

No quanto a obra de Mersheimer não é atávica no sentido de entender a sociedade internacional a partir de uma condição humana insuperável: Estado lobo do Estado? Aqui, fazem sentido as palavras do Testamento Político do Cardeal Richilieu: “não há nada mais perigoso para o Estado do que aqueles que querem governar os reinos pelas máximas que tiram de seus livros” (2002, 244).

VI – Referências bibliográficas

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

CLAUSEVITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUROSSELE, Jean - Baptiste. *Todo Império Perecerá: teoria das relações internacionais*. Brasília: Editora UnB; Imprensa Oficial, 2000.

GOWA, J. Rational Hegemons, Executable Goods, and Small Groups: an Epitaph for hegemonic stability theory? *World Politics*. Vol. 41, nr. 03, april/1989. pp. 307-324.

HART, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

HOLLIS, M.; SMITH, S. *Explaining and Understanding International Relations*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

IKENBERRY, G. John. Institutions, Strategic Restraint and the Persistence of American Postwar Order. In: *International Security*, Vol. 23, No. 03 (Winter, 1998-1999), pp. 43-78.

JERVIS, Robert. *Perception and Misperception in International Politics*. New Jersey: Princeton University Press, 1976.

JERVIS, Robert. *The Logic of Images in International Relations*. New Jersey: Princeton University Press, 1970.

KEOHANE, Robert; NYE JR., Joseph. *Power and Interdependence: World Politics in transition*. Boston: Little, Brown and Co., 1986.



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

KEOHANE, Robert; MARTIN, Lisa L. The promise of institutionalist Theory. In: *International Security*, Volume 20, Number 01, summer 1995, MIT Press, pp. 39-51.

KISSINGER, Henry. *Does America need a Foreign Policy? Toward a Diplomacy for 21st Century*. New York: Simons & Shuster, 2001.

MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MEARSHEIMER, John J. *The false premise of international institutions*. *International Security*, Vol.19, No. 03, 1994.

MEARSHEIMER, John J. A realist reply. In: *International Security*, Volume 20, Number 01, summer 1995, MIT Press, pp. 82-93.

MEARSHEIMER, John J. Imperial by design. In: *The National Interest*, january-february, 2011.

MEARSHEIMER, John J. Realism is right. In: *The National Interest*, Fall, 2005.

MEARSHEIMER, John J. Why is Europe peaceful today? In: *European Political Science*, 09, 2010. European Consortium for Political Research, pp. 387-397. Disponível em <http://www.palgrave-journals.com/eps>. Acessado em abril de 2013.

MEARSHEIMER, John J. *Hans Morgenthau and the Iraq War: realism versus neo-conservatism*. Disponível em <http://www.openDemocracy.net>. Acessado em abril de 2013.

MEARSHEIMER, John J. It's not a pretty picture. In: *Foreign Policy*, jan-feb, 2005a, Issue 146, p. 50.

MEARSHEIMER, John J. Better to be Godzilla than Bambi. In: *Foreign Policy*, jan-feb, 2005b, Issue 146, pp. 47-48.

MEARSHEIMER, John J. *John Mearsheimer on Power as the currency of international relations, disciplining US Foreign Policy, and being an independent variable* (2012). Disponível em: <http://www.theory-talks.org/2012/06/theory-talk-49.html>. Acessado em abril de 2013.



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

MEARSHEIMER, John J. E.H. Carr vs. Idealism: The Battle Rages On. In: *International Relations*, Vol 19(2), 2005c, pp. 139–152. Disponível em: <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/A0035.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. The blind man and the Elephant in the Room: Robert Lieberman and the Israel Lobby. In: *Exchange*, Volume 07, Number 02, June 2009, pp. 259-273.

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. The war over Israel's influence. Unrestricted Access: what Israel lobby wants, it too often gets. In: *FP Roundtable*, July-August, 2006.

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. An unnecessary war. In: *Foreign Policy* (January/February, 2003), pp. 51-59. Disponível em: <http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/A0032.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. *The Israel lobby and U.S. Foreign Policy*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2007.

MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo; Brasília: Editora da UnB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O nascimento da tragédia no espírito da música. In: *Obras incompletas*. 2a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 07-28.

RICHELIEU, Cardeal Duque de. *Testamento Político*. Edição: Ridendo castigat mores, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/richelieu.pdf>. Acessado em fevereiro de 2017.

SNYDER, Glenn H. Mearsheimer's World - offensive realism and the struggle for security: a review essay. In: *International Security*, Vol. 27, No. 1 (Summer 2002), pp. 149–173. Disponível em <http://ir.rochelleterman.com/sites/default/files/>. Acessado em fevereiro de 2017.



ANO I	VOLUME I	Nº 1	JANEIRO/JUNHO 2017	PELOTAS/RS	ISSN 2526-5318
-------	----------	------	--------------------	------------	----------------

TICKNER, Arlene B; CEPEDA, Carolina; BERNAL, José Luis. *Enseñanza, Investigación y Política Internacional (TRIP) En América Latina*. Documentos del Departamento de Ciência Política, nr. 19. Bogotá: Universidad de los Andes, 2012.

TOFT, Peter. *John J. Mearsheimer: an offensive realist between geopolitics and power*. Institut for Statskundskab Københavns Universitet. Disponível em http://polsci.ku.dk/arbejdspapirer/2003/ap_2003_01.pdf. Acessado em fevereiro de 2017.

VIOTTI, Paul; KAUPPI, Mark. V. *International Relations Theory: realism, pluralism, globalism and beyond*. Third Edition. MA: Allyn and Bacon, 1999.

WALTZ, Kenneth N. *Theory of International Politics*. London: Routledge, 1991.

WALTZ, Kenneth N. Structural Realism after the Cold War. *In: International Security*, Vol. 25, No. 1, 2000, pp. 04-41.

WATSON, Adam. *A evolução da sociedade internacional: uma análise histórica comparativa*. Brasília: Editora da UnB, 2004.